

A LITERATURA INFANTOJUVENIL E A IDENTIDADE ÉTNICA: REPRESENTAÇÕES DO NEGRO EM O CABELO DE LELÊ

*Maisa Barbosa da Silva Cordeiro **

Resumo

A literatura infantojuvenil, com a perspectiva de atender à necessidade da construção de uma sociedade multicultural, vem reformulando o modo como são representadas as minorias étnicas. Nesse sentido, este artigo tem por objeto a análise da representação da criança negra na literatura destinada aos leitores mirins. Para tanto, parte da obra *O cabelo de Lelê* (BELÉM, 2007) e busca auscultar, por meio de um estudo verbo-visual da narrativa, o caminho trilhado pela protagonista para conhecer e afirmar sua identidade. Para proceder ao estudo da obra, são apresentadas, inicialmente, algumas reflexões teóricas a respeito da relação entre literatura, discurso e identidade, com base, principalmente em Bhabha (1992) e Foucault (2007). Em seguida, parte-se para o estudo de *O cabelo de Lelê* no subtítulo “O cabelo de Lelê: representação e valorização da identidade negra”.

* Universidade Federal da Grande Dourados

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil, Representação do negro, Identidade étnica.

Introdução

A literatura, muitas vezes, desempenha a função de auxiliar os leitores no reconhecimento e valorização da diversidade social. Esse papel ganhou força com a crescente gama de Estudos Culturais, Literatura Comparada e Estudos Pós-Coloniais, que passaram a dar voz tanto a autores quanto a personagens pertencentes a grupos marginalizados, iniciando uma profunda desconstrução nos patamares que suportavam a literatura. O cânone, principal alvo de todo o movimento, foi verdadeiramente revisto.

Já a literatura infantojuvenil, uma das primeiras formas em que os indivíduos entram em contato com ideologias, discursos e relações de poder, não ficou à margem dessas mudanças. Passou,

então, a partir da década de 1980, a receber esses influxos e inserir em suas obras a representação plural de minorias étnicas, por meio da insígnia de temas transversais. Apesar de as práticas de inserção das minorias na literatura infantojuvenil não serem tão recentes – visto que se passaram três décadas – e ser possível encontrar um número significativo de obras que apresentem uma abordagem pluralista, de modo geral, “[...] a literatura infantil contemporânea não sofreu grandes alterações quanto aos aspectos raciais nela representados [...], permanecendo, portanto, uma fonte de produção, manutenção e reprodução das assimetrias raciais” (ESCANFELLA, 2007, p. 7 apud COSSON; MARTINS, 2008, p. 63).

Além disso, é preciso precaver-se de alguns cuidados em relação a esse fenômeno. Aparecida Paiva, por exemplo,





alerta para a necessidade de um olhar crítico para questões como a intenção do editor, ao inserir esses temas, e a da escola, ao consumir essa literatura, o que pode levar a “[...] prevalecer a intenção pedagógica e educativa no trabalho com a literatura”. E com isso, a utilização da literatura apenas como recurso pedagógico. Para Paiva (2008, p. 43) “[...] apropriação desse gênero textual como mais um dos recursos de aprendizagem de conteúdos e valores, em vez de utilizá-los como possibilidade de ampliação do universo cultural da criança, por meio dessa manifestação artística em linguagem verbal.

Reconhecidos os perigos da associação dos temas transversais com a literatura infantojuvenil, é necessário ressaltar que a representação das minorias é fato presente nesse modo de produção cultural, buscando direcionar o leitor ao reconhecimento e valorização das diferenças. Desse modo, será feita, neste artigo, uma análise das representações da personagem negra em *O cabelo de Lelê*. O objetivo é identificar como a protagonista busca afirmar sua identidade. A obra, por fazer parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE/2008, está presente em inúmeras escolas públicas de todo o Brasil. Irá encontrar, portanto, diversas crianças e adolescentes, justificando a importância de observar o modo de representação dos negros nessa obra.

Este estudo, desenvolvido a partir de abordagens que envolvam a representação das minorias étnicas, é apresentado em duas etapas. Na primeira, “Literatura, discurso e identidade”, são apontados alguns aspectos teóricos a respeito das relações de poder e verdade por meio dos discursos presentes na literatura. Posteriormente, no segundo subtítulo, “O cabelo de Lelê: representação e valorização da identidade negra”, passa-se à análise da referida obra. Ao saber que a literatura destinada ao público

infantojuvenil é escrita por adultos, este trabalho busca discutir, por meio da referida obra, algumas questões centrais: Por meio de quais discursos a personagem busca afirmar sua identidade étnica? Como os textos verbal e visual representam a personagem negra? De que modo o tipo de representação da obra está em consonância com as exigências da construção de uma sociedade multicultural?

Literatura, discurso e identidade

Para Michel Foucault (2007), o discurso é utilizado pelo homem para formular verdades, construídas de modo distinto em cada sociedade e a literatura sempre foi um dos modos para reprodução de valores e ideologias. Dessa forma, ao ser associada ao período histórico no qual determinada obra foi construída, pode-se perceber, mesmo se tratando de ficção, muitas características do contexto no qual a obra se insere.

Desse modo, as imagens do negro produzidas no contexto colonial buscam dar continuidade às relações de poder, por meio de discursos que adquirem o efeito de verdade, devido ao fato de se repetirem de diversas maneiras, seja na literatura ou na convivência social: “O poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente um “outro” e ainda inteiramente conhecível e visível. [...]. Emprega um sistema de representação, um regime de verdade, que estruturalmente se parece ao realismo” (BHABHA, 1992, p. 186).

Nesse sentido, pode-se perceber que a literatura é uma das instituições em os discursos se fazem presentes, mas pode ser também campo de questionamentos sociais:

Desconstruir uma oposição é mostrar que ela não é natural e nem inevitável, mas uma construção, produzida por discursos que se



apóiam nela, e mostrar que ela é uma construção num trabalho de desconstrução que busca dismantlá-la e reinscrevê-la - isto é, não destruí-la, mas dar-lhe uma estrutura e funcionamento diferentes (CULLER, 1999, p.122).

A importância de se questionar o modo de representação na literatura infantojuvenil se dá, dessa forma, por ela possuir um papel crucial na construção de ideologias. Como aponta Bhabha (1992, p. 193-194), é o “[...] momento primitivo em que a criança depara com estereótipos raciais e culturais nas ficções infantis, onde heróis brancos e demônios negros são oferecidos como base para a identificação psíquica e ideológica”.

Thomas Bonnici, ao citar Nietzsche, menciona que: “[...] os indivíduos primeiro decidem o que desejam e depois encaixam os fatos em seus objetivos. Consequentemente, o homem encontra nas coisas somente o que ele mesmo colocou nelas” (BONNICI, 2009, p. 257). Para Nietzsche, todo conhecimento expressa “o desejo de poder”. As palavras de Bonnici (2009) corroboram o que vem sendo discutido, já que a literatura, mesmo de modo ficcional, expressa valores sociais. Nessa perspectiva, as obras literárias produzidas após as desconstruções de valores e hierarquias propostas pelos Estudos Culturais, Literatura Comparada e Estudos Pós-Coloniais, se beneficiam das conquistas dessas abordagens, no momento em que elas oferecem suporte para reivindicações por meio da representação na literatura.

De acordo com Bhabha (1992, p. 184) “[...] O objetivo do discurso colonial se concentra em construir o colonizado como população de tipo degenerado,

tendo como base uma origem racial para justificar a conquista e estabelecer sistemas administrativos e culturais”. Desconstruir o discurso colonial por meio da literatura é, dessa forma, impedir sua reprodução por esse tipo específico de produção cultural. Essa atitude, no entanto, não fica restrita apenas à literatura, já que possibilita que o sujeito passa a questionar os discursos presentes em outros meios de produção cultural e também nas instâncias sociais em que circula. Passa então a ser parte ativa na construção de uma sociedade multicultural que, guardadas as dificuldades de uma definição unívoca para o multiculturalismo, é utilizado para: “[...] estudar a coexistência da diversidade sócio-cultural e a construção de identidades em um mesmo país ou em uma determinada região” (VIANNA NETO, 2005, p. 289).

Nessa perspectiva, o poder que o autor possui, em sua escritura, é o de quebrar os discursos de poder: “[...] O autor, não entendido, é claro, não como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem das suas significações, como foco sua coerência” (FOUCAULT, 2007, p. 26). Já o leitor, ao ter contato com as produções literárias, irá valorizar ou negar sua cultura, a partir de sinais presentes na obra. Quando o sujeito possui imagens positivas de sua etnia, “[...] é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, se se alimenta uma memória pouco construtiva para sua humanidade” (ANDRADE, 2005, p. 120).





Portanto, a literatura infantojuvenil possui um papel basilar para auxiliar os leitores a reconhecerem a existência de uma sociedade heterogênea, e passarem, então, a valorizarem tanto a sua cultura quanto a dos outros indivíduos. O cabelo de Lelê, obra que traz a representação da cultura negra busca, nesse sentido, incitar reflexões no que diz respeito ao conhecimento do pluralismo étnico.

O cabelo de Lelê: representação e valorização da identidade negra

Na literatura infantojuvenil, muitas obras que representam o negro e sua cultura buscam associá-los a uma tradição de histórias orais e do folclore. Heloísa Lima (2005) destaca o fato de que o problema não está no modo com que são feitas essas construções, mas no pouco número de representações que ofereça à criança apoio para construir a sua identidade. Assim, a obra estudada neste trabalho pode ser apontada como uma alternativa, por não buscar trazer à tona um passado histórico – representação também necessária –, mas por buscar questionar um presente onde circulam estereótipos e preconceitos. Ao tratar de obras que trazem caricaturas do negro, Lima (2005, p. 109) menciona:

Por que ironizar uma figura negra seria um erro? Eu responderia que o problema não está em representarmos a imagem negra nesta ou naquela expressão. A diferença para uma criança não negra está no número de opções em que ela se vê para elaborar sua identidade. Em todo o leque dessa oferta, podemos encontrá-las nas mais diferentes formas, papéis e jeitos, o que compensa uma ou outra desqualificação.

O cabelo de Lelê, de Valéria Belém, ilustrado por Adriana Mendonça, é um texto que não pode ser analisado sem se considerar a riqueza do texto visual que, em vários momentos, se sobrepõe ao verbal. Esse fato, aliás, é uma tendência contemporânea da literatura infantojuvenil, que passou a perceber a necessidade do desenvolvimento de um olhar estético desde os primeiros contatos com os produtos da cultura. Com efeito, Jacques Leenhardt (2000, p. 20), tratando da questão da crítica de arte, menciona que “[...] aprendemos a ler e a escrever, não a olhar”. Com base nessa perspectiva, o artista que ilustra o livro infantojuvenil, passou a produzir imagens que buscam estimular a sensibilidade visual.

Logo na capa da obra, é notada a caracterização dos traços físicos da personagem, uma menina de pele escura, com uma vasta cabeleira negra. A protagonista, no texto visual, lê atenciosamente um grande livro cujo título é Países africanos. Seus cabelos ocupam boa parte da ilustração, e chama a atenção pelo fato de ser o cabelo um forte meio de afirmação de estereótipos. A representação parece atentar para essa questão, em um posicionamento provocador, pelo destaque que recebe ao longo de toda a obra.

Como aponta Bakhtin, não se pode esquecer que o discurso da personagem é impregnado pelo que o próprio autor acredita, visto que a literatura é local de expressão de suas ideias, crenças e valores sociais: “[...] o interesse (éticocognitivo) que o acontecimento apresenta para a vida do herói é englobado pelo interesse que ele apresenta para a atividade artística do autor” (BAKHTIN, 1997, p. 33).

Ao representar uma menina negra buscando conhecer sua identidade, a obra se destaca por trazer também uma importante imagem feminina. A iniciativa de conhecer sua cultura e seus

antepassados é tomada pela própria personagem, motivada pela curiosidade quando percebe que seu cabelo é diferente do de suas amigas. Esse caminho de descoberta é feito por meio da leitura, que se inicia com o questionamento “De onde vêm tantos cachinhos? , pergunta, sem saber o que fazer” (BELÉM, 2007, p. 5) e tem continuidade com a procura em livro: “Toda pergunta exige resposta. Em um

livro vou procurar. Pensa Lelê, no canto a cismar” (BELÉM, 2007, p. 9).

Em uma ilustração significativa [Figura 1], destacam-se os cabelos da personagem no texto visual. Eles são apresentados, ao ocupar duas páginas do livro, de forma provocadora à questão do disfarce tomada por muitos negros, no intuito de adaptar-se a um padrão de beleza dominante. O texto verbal também atenta para esse fato (BELÉM, 2007, p. 14-15):

Depois do Atlântico, a África chama
E conta uma trama de sonhos e medos
De guerras e vidas e mortes no enredo
Também de amor no enrolado cabelo

Puxado, armado, crescido, enfeitado
Torcido, virado, batido, rodado
São tantos cabelos, tão lindos, tão belos!

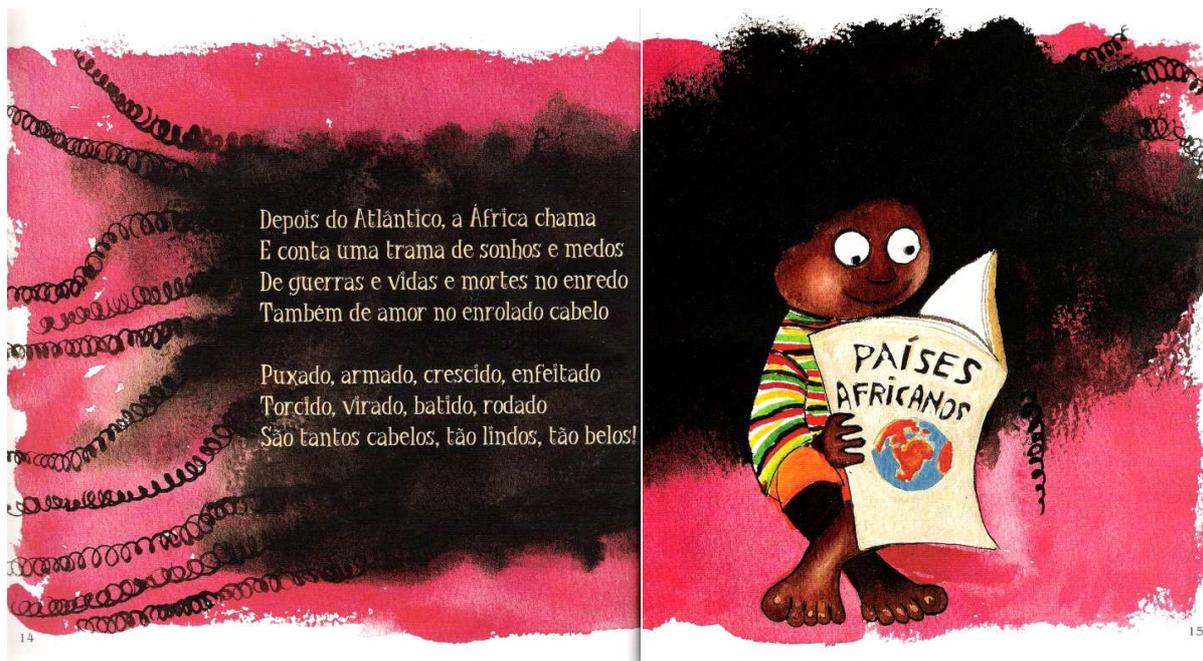


Figura 1: Ilustrações de Adriana Mendonça para: O Cabelo de Lelê, p. 14-15.

Ana Silva, no livro *Superando o racismo na escola*, aponta que o cabelo é sempre um importante meio para a reprodução do preconceito: “Os cabelos crespos das crianças afro-descendentes são identificados como cabelo ‘ruim’, primeiro pelas mães, que internalizaram

o estereótipo; e, na escola, pelos coleguinhas, que põem os mais variados apelidos nas trancinhas e nos cabelos crespos ao natural” (ANA SILVA, 2005, p. 25).

No livro *Países africanos* encontrado por Lelê, há uma ilustração



de diversas mulheres com penteados diversos, que encantam a menina e assim, descobre que “[...] de tantos cabelos que são a memória”. Ao perceber a “[...] beleza de ser como é”, resolve brincar com seu próprio cabelo, que antes não conseguia arrumar. Para confirmar a

proposta da autora de valorização da identidade, as cores das roupas da personagem não são aleatórias: elas trazem as cores da bandeira da África do Sul. Na camiseta estão presentes o vermelho, verde, preto, amarelo e branco. A cor azul está no tênis [Figura 2]:



Figura 2: Ilustrações de Adriana Mendonça para: O Cabelo de Lelê, p. 20-21

A pesquisadora Ana Silva aponta que a construção de preconceito em relação à cultura, faz com que surja o ‘racismo do negro’ (ANA SILVA, 2005, p. 31). Com efeito, confirma Bhabha (1992, p. 194), a criança passa a negar sua etnia, “[...] identificando-se totalmente com a positividade da branquidão que é ao mesmo tempo cor e ausência de cor. Por meio do ato de negação e fixação, o sujeito colonial regressa ao narcisismo do Imaginário e à sua identificação de um ego ideal branco e inteiro”.

Desse modo, a personagem negra valorizando o seu cabelo e sua história aponta para a construção de uma sociedade plural. Desvincula-se, portanto, de muitas caricaturas encontradas na literatura infantojuvenil, que produzem “[...] este efeito de verdade provável e de

predicabilidade que, no caso do estereótipo, deve aparecer sempre em excesso, mais do que ser provado empiricamente ou construído logicamente” (BHABHA, 2002, p. 178). Desse modo, reconhecer o estereótipo como um meio de afirmação de relações de poder “[...] requer uma resposta política e teórica que desafie os modelos deterministas e funcionalistas da concepção do relacionamento entre discurso e política e perguntas relativas às posições dogmáticas e moralistas do significado da opressão e da discriminação” (BHABHA, 2002, p. 178).

Em outra imagem [Figura 3], a personagem Lelê é representada ao lado de duas amigas, uma com o cabelo loiro e outra ruivo, destacando a questão da pluralidade cultural. Finalmente, ao ter,



após a leitura, conhecido sobre sua cultura e descoberto a sua identidade, a personagem Lelê partilha com as amigas suas descobertas. Finalmente, convida o leitor a participar da história, com um questionamento que chama o

leitor mirim à reflexão. Contrariando a frase que inicia a obra “Lelê não gosta do que vê”, o final aponta, após o caminho trilhado pela personagem, que “Lelê ama o que vê! E você?” (BELÉM, 2007, p. 29).



Figura 3: Ilustrações de Adriana Mendonça para: O Cabelo de Lelê, p. 28-29

A obra, portanto, apresenta-se compatível com os atuais discursos da contemporaneidade no que se refere aos discursos de valorização da cultura. Ao promover a interação da personagem com as amigas, afasta-se do que muitas vezes ocorre no processo de conhecimento da identidade: “[...] Ainda é necessário observar que a pedagogia integracionista promovida pelas políticas do multiculturalismo provoca e desenvolve, muitas vezes, durante o processo, movimentos separatistas e a ‘guetoização’ de várias comunidades” (VIANNA NETO, 2005, p. 291).

Com efeito, a urgência em se respeitar as diferenças culturais deste a

infância é perceptível porque “É a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial” (ANDRADE, 2005, p. 120).

Considerações finais

Este estudo teve por objetivo a análise de uma das diversas formas de representação do negro, da mulher e da criança, que ganharam forma em uma única personagem: Lelê. A menina busca conhecer sobre a origem de “seus cachinhos” e, para isso, não depende da



mediação de um adulto. Toma a iniciativa de procurar um livro que responda às suas dúvidas, o que possibilita suas descobertas em relação a sua identidade étnica.

A representação do negro e do papel feminino na literatura infantojuvenil vai de encontro ao que aponta Bhabha a respeito da discussão da questão colonial. Ao observar que a iniciativa de autoconhecimento é tomada pela personagem entende-se que: “[...] a representação problemática da diferença cultural e racial não pode ser simplesmente lida a partir dos sinais e desenhos da autoridade social que se produzem nas análises de diferenciação de classe e gênero” (BHABHA, 1992, p. 177). Mas também por meio da postura e atitude do sujeito nesse contexto.

As imagens aqui analisadas são apenas uma opção frente às diversas encontradas na atual literatura infantojuvenil. Há obras em que o objetivo é o resgate de histórias orais dos povos de origem negra. Em outras, há a valorização do folclore. As representações aqui demonstradas, contemporâneo e em consonância com as diversas

abordagens dos Estudos Culturais, valoriza a descoberta da identidade. A obra *O cabelo de Lelê* aponta para a construção de uma sociedade crítica e foi vista, ao longo desse trabalho, como um meio de causar inquietações e desconforto em relação aos discursos comumente proferidos em relação à inferioridade do negro.

A importância da obra está em colocar em foco uma personagem que desconstrói ideologias dominantes no que diz respeito à representação do negro. A autonomia da personagem frente ao seu objetivo demonstra esse fato. Nesse sentido, pode despertar, nos pequenos leitores, possibilidades de identificação, que não ocorre apenas com crianças negras, mas com crianças que estão habituadas a ver o negro apenas por meio de imagens estereotipadas. Por fim, ao ter em mente que a representação não se resume aos aspectos físicos descritos visual ou verbalmente, mas também à posição e às atitudes que o sujeito representado assume, a obra aqui analisada destaca-se por trazer uma personagem negra com uma postura ativa frente aos seus objetivos.

CHILDREN'S LITERATURE AND ETHNIC IDENTITY: REPRESENTATIONS OF BLACK IN O CABELO DE LELÊ

ABSTRACT

The children's literature, with a view to meet the need of building a multicultural society, is reshaping the way they are represented ethnic minorities. In this sense, this article focuses on the analysis of the representation of black children. To this end, part of the



work *O cabelo de Lelê* (BELÉM, 2007) and seeks to hear, through a study of narrative, the path taken by the protagonist to know and assert their identity. For the study of the work are presented, initially, some theoretical reflections about the relationship between literature, discourse and identity, based mainly in Bhabha (1992) and Foucault (2007). Then, we go to the study of *O cabelo de Lelê* in the subtitle “*O cabelo de Lelê: representação e valorização da identidade negra*”.

Keywords: children’s literature, representation of black, ethnic identity.

Artigo submetido para publicação em: 01/10/2011

Aceito em: 18/11/2011

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. **Construindo a auto-estima da criança negra**. In: Kabengele Munanga (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 117-123.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Emsantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BELÉM, Valéria. **O Cabelo de Lelê**. Ilustrações de Adriana Mendonça. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- BHABHA, Homi K. **A questão do “outro”**: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p. 177-203.
- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica pós-colonialistas**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. rev. ampl. Maringá: Eduem, 2009. p. 257-285.
- COSSON, Rildo; MARTINS, Aracy. **Representação e identidade**: política e estética étnico-racial na literatura infanto-juvenil. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda. **Literatura infantil: políticas e concepções**. (orgs). São Paulo: Autêntica, 2008, p. 53-77.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Becca, 1999.
- ESCANFELLA, Celia Maria. **Relações raciais na literatura infantil: uma construção de palavras e imagens**. In: **ENCONTRO REGIONAL DA ABRALIC 2007**, 2007, São Paulo. Anais do Encontro Regional da ABRALIC 2007 – Literaturas, Artes, Saberes. São Paulo: USP, 23 a 25 de julho de 2007. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/31/669.pdf>.>.



- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- LEENHARDT, Jacques. **Crítica de arte e cultura no mundo contemporâneo**. In: MARTINS, Maria Helena. (Org.). **Rumos da crítica**. São Paulo: Editora SENAC, 2000. p. 19-28.
- LIMA, Heloisa Pires. **Personagens Negros: Um Breve Perfil na Literatura Infanto-Juvenil**. In: Kabengele Munanga (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 101-116.
- PAIVA, Aparecida. **A produção literária para crianças: onipresença e ausência das temáticas**. In: _____ ; SOARES, Magda (Orgs.). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 35-52.
- SILVA, Ana Célia da. **A desconstrução da discriminação no livro didático**. In: Kabengele Munanga (Org.). **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-34.
- VIANNA NETO, Arnaldo Rosa. **Multiculturalismo e pluriculturalismo**. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 289-311.